



SEÇÃO: VARIA

Do marxismo à ideologia comunista: uma crítica de Merleau-Ponty

From marxism to communist ideology: a Merleau-Ponty criticism

Mônica Parreiras¹

orcid.org/0000-0002-4052-4103
monicaparreiras@gmail.com

Recebido em: 27/05/2022.

Aprovado em: 14/07/2022.

Publicado em: 22/12/2022

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar o pensamento de Merleau-Ponty acerca da ideologia comunista e a relação com a ascendência marxista que culminou com a falência da credibilidade dessa ideologia. Na obra *As Aventuras da Dialética* (1955), o filósofo propõe pensar a evolução histórica do conceito de dialética como modo de libertação de formas de envolvimento políticos alienados. Para tal, abordaremos os conceitos merleau-pontyanos de história e de dialética, para posteriormente trazermos as críticas de Merleau-Ponty à ideologia comunista. Ressaltamos, contudo, o reconhecimento da importância das elaborações de Marx para o autor. Concluiremos sustentando que o posicionamento político de Merleau-Ponty está vinculado à sua concepção da história e da dialética e com isso, sua crítica aos destinos que o marxismo foi assumindo por estar preso aos movimentos partidários da ideologia comunista.

Palavras-chave: História. Dialética. Marxismo. Marx. Merleau-Ponty.

Abstract: This article aims to approach Merleau-Ponty's thinking about communist ideology and the relationship with the marxist ascendancy that culminated in the bankruptcy of this ideology's credibility. In the book *The Adventures of Dialectics* (1955), the philosopher proposes to think about the historical evolution of the concept of dialectics as a way of liberating forms of alienated political involvement. To this end, we will approach Merleau-Ponty's concepts of history and dialectics, to later bring Merleau-Ponty's criticisms of communist ideology. We emphasize, however, the recognition of the importance of Marx's elaborations for the author. We will conclude by arguing that Merleau-Ponty's political position is linked to his conception of history and dialectics, and with that, his criticism of the fates that marxism assumed because it was tied to the partisan movements of communist ideology.

Keywords: History. Dialectic. Marxism. Marx. Merleau-Ponty.

Introdução

No prefácio de *As Aventuras da Dialética* (1955), Merleau-Ponty destaca ser necessária uma filosofia da história e do espírito para abordar os problemas concernentes à política e, ao mesmo tempo, aponta a impossibilidade de se esperar princípios rigorosamente elaborados para falar filosoficamente de política, pois a narrativa que nos chega é a experiência interpretada daqueles que passaram pelo acontecimento. Ele acrescenta que esta obra pretende balizar a experiência, mas não no âmbito da política e sim da filosofia política e que, com ela, pretende "avaliar essa liquidação da dialética revolucionária" (MERLEAU-PONTY, 1955, p. XIII).

A relação de Merleau-Ponty com o marxismo mostrou-se ambígua,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS, Brasil.

uma vez que as relações entre o particular e o universal, a contingência e a necessidade histórica constituíram o cerne das suas desconfiças a respeito do marxismo. A história era considerada por ele, como uma "aventura" que escapa à racionalidade, já que a dialética marxista está na tensão entre lógica e contingência na história.

No escopo deste artigo, desenvolveremos dois conceitos fundamentais que integram a filosofia de Merleau-Ponty, a saber, o conceito de história e de dialética, uma vez que entendemos que sua posição política está relacionada a sua concepção da história como uma "aventura" e da dialética como coesão de opostos, tornando sua filosofia uma filosofia sem síntese por estar apoiada na noção de uma "dialética sem síntese".

Além disso, traremos os apontamentos de Merleau-Ponty acerca de Marx, do marxismo e da ideologia comunista, traçando uma caminhada que originou no seu posicionamento político, a partir das obras *Humanismo e Terror* (1947), *As Aventuras da Dialética* (1955) e *Signos* (1960).

No decorrer do artigo veremos, ainda, as ideias tecidas pelo autor no que diz respeito aos engajamentos políticos e à revolução proposta no *Manifesto do Partido Comunista* (1848) para, então, compreendermos os motivos que o levaram a criticar a ideologia comunista, propondo uma visão renovada da história e da política e livre dos engajamentos políticos ofuscados.

Concluiremos mostrando que a filosofia proposta por Merleau-Ponty e assentada nos conceitos de história e dialética lhe serviram para apontar as contradições inerentes à política e aos engajamentos partidários, uma vez que seus motivos nos ficam assim explicitados: "não aderir a um partido, a nenhuma igreja, porque não se pode repensar o todo se já se está atado por uma concepção do todo" (MERLEAU-PONTY, 1955, p. 248).

1 A história como "aventura"

Desde os primeiros textos nos quais procurou se aproximar do marxismo, Merleau-Ponty insistiu na importância da história como sendo a ação no imaginário, um objeto estranho por incluir

justo a nós mesmos. Ela é lugar do mistério e do equívoco e, por isso, seria, em raros momentos, inteligível. A história é do domínio da indeterminação, podendo ser considerada uma "aventura" que escapa a qualquer racionalização.

A história tem em seu centro o indivíduo, a liberdade e a consciência. Como a existência humana é indeterminada e a história é a ilustração desta existência, para ele, seria impossível inscrever a revolução no processo histórico. O historiador faz um recorte e escolhe um ponto de vista retendo uma palavra ou um gesto na construção de um estilo.

Segundo Merleau-Ponty, a história não pode ser considerada um conhecimento decorrente da "consciência objetiva e científica do passado", mas, antes de tudo, estrutura fundamental do "mundo social" para a comunicação com a humanidade integral, sincrônica e diacrônica. O laço com o passado é inscrito na "memória do mundo"; ora, e esse laço não pode ser separado de uma práxis que é a história fazendo-se.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1955, p. 23):

A história comporta fatos dialéticos, significações esboçadas, não é um raciocínio ordenado; como um interlocutor desatento, deixa o debate se desviar, esquece no meio do caminho os dados do problema. As épocas históricas se deixam agrupar em torno de uma interrogação sobre a possibilidade do homem, para a qual cada uma dá uma fórmula, e não em torno de uma solução imanente cuja manifestação seria a história.

Por sujeito da história, o autor nos apresenta o homem como aquele que dá forma à sua vida, homem produtivo, mas no exercício de sua liberdade. O movimento da história depende deste sujeito vivendo em comunidade simultânea e sucessiva e inserido em formas históricas relativamente estáveis e maleáveis, nas quais ele sofre e ele transforma.

O sentido da história está no agir humano permeado pelo enraizamento desse agir na natureza das coisas, e na liberdade de recuperar e transformar as situações quando admitidas suas imposições. Merleau-Ponty enfatiza que a história não é apenas sucessão, mas, acima de tudo, simultaneidade. Não se trata de uma

sucessão de empírico-factual ou de processos de acontecimentos visíveis, mas história intencional ou vertical implicando nas instituições, no esquecimento como tradição e nas recuperações do presente e do passado.

Outra questão a ser destacada concerne à arte como estando na base das elaborações merleau-pontyanas sobre a história. Merleau-Ponty compara os fatos históricos a uma obra de arte por possuir uma existência singular que escapa à lógica imanente no decorrer da história. Ademais, o autor aponta a ambiguidade, a contingência e o equívoco na direção de um não senso como parte constitutiva do processo histórico. O domínio da indeterminação nos remete à "aventura" proposta pelo filósofo.

Merleau-Ponty refere que o historiador está sempre contaminado por suas vivências e isso traz como consequência sua invasão na história. Para evitar que os fatos sejam tomados como verdades absolutas, torna-se necessária uma avaliação da distância entre o seu pensamento e o acontecimento em si para se chegar ao resto gerado pela interpretação. Pensar a história como "aventura" é admitir as perspectivas como parciais e o real como estando mais além. Dito de outro modo:

[...] O saber nunca é categórico; está sempre sujeito a revisões. Nada pode fazer com que sejamos o passado: ele é apenas um espetáculo diante de nós, que precisamos interrogar. As perguntas partem de nós e as respostas, portanto, não esgotam, por princípio, uma realidade histórica que não esperou por elas para existir (MERLEAU-PONTY, 1955, p. 2-3).

Merleau-Ponty propôs pensarmos a história como "aventura" tendo como referencial uma "dialética sem síntese" com vistas a procedermos uma historicização dos valores políticos. No que diz respeito à filosofia política, é de extrema importância analisarmos os conceitos na relação com as lutas políticas travadas ao longo da história.

2 A dialética merleau-pontyana

A dialética merleau-pontyana pode ser definida de duas formas de acordo com Dupond

no *Vocabulário de Merleau-Ponty* (2010). Na primeira definição, a dialética está associada ao movimento de um pensamento que exprime o pertencimento recíproco e a passagem, de um para o outro, de termos que o entendimento e a racionalidade tornam opostos e indivisíveis, a saber, o finito e o infinito, o subjetivo e o objetivo. Já a segunda definição, abre o movimento do ser ou do real nesse pertencimento e nessa passagem das oposições. A filosofia dialética refere-se à coesão dos opostos, união pela separação, inversão, revogação da ontologia da identidade e a ideia do ser como aquilo em que as diferenças se enlaçam.

Dessa forma, a dialética pode ser descrita como o movimento do *fenômeno*, no qual se cruzam o ser e a experiência do ser. Trata-se da dialética enquanto pensamento em trabalho no ser, abrindo um espaço para manifestação de um pensamento situacional. O modo de ser do Ser reside na dialética do ser, ao admitir o negativo nele mesmo. Sendo assim, cada termo só é ele próprio voltando-se para o termo oposto; exigência de um devir e, até mesmo, uma autodestruição que produz o outro.

Na via dessa definição como recusa das oposições da reflexão ou do pensamento de entendimento como condutor da "má dialética", Dupond, na leitura de Merleau-Ponty, coloca:

A "má dialética" surge quando a consciência é entendida, já não como *incluída na* experiência, mas como *saber da* experiência. Pois, então, em vez de se entregar ao movimento do conteúdo, o pensamento reduz a vida do real a um jogo entre o positivo e o negativo. Ele se faz pensamento de sobrevoos, afirma-se como pura interioridade e reduz o ser fora dele à pura exterioridade. Essa "queda" da dialética é um risco permanente para a filosofia (DUPOND, 2010, p. 16).

Seguindo a partir de Dupond, que propõe a dialética como sendo elemento vital da filosofia, esta deverá ser uma crítica permanente de si própria. A "hiperdialética" é a dialética devolvida ao seu verdadeiro sentido, recusando recompor a vida do ser por enunciados ou posições. Ela é uma "dialética sem síntese", ou seja, sem fechamento (DUPOND, 2010).

Por "dialética sem síntese", Merleau-Ponty

destacou ser uma dialética a comportar uma "autocrítica" já que ela não pode ser nem o "ser para si" e nem o "ser em si". Essa dimensão "hiper" realça o movimento de "ir além", isto é, "transcender" e, dessa forma, desconstruir qualquer síntese que não leve em consideração a ambiguidade da experiência e da história no centro da contingência atuando como engrenagem mesma do movimento histórico.

Convém, antes de tudo, reportar de que a obra merleau-pontyana é percorrida pela noção de dialética desde *A Estrutura do Comportamento* (1942), na tentativa de eliminar a oposição entre "coisa" e "ideia", e depois na *Fenomenologia da Percepção* (1945), substituindo a oposição entre "tempo constituído" e "tempo constituinte", mas é apenas tematizada quando ressalta a recusa de uma filosofia da consciência passando de Hegel a Marx, pois, ao se tornar "material", é preciso que a dialética se torne pesada. Merleau-Ponty coloca, então:

Em Marx, o espírito se faz coisa, e as coisas se saturam de espírito, a trama da história é um devir das significações transformadas em forças ou instituições. É por isso que há em Marx uma inércia da história e, também, para completar a dialética, um apelo à invenção humana (MERLEAU-PONTY, 1955, p. 35-36).

Destacamos, sobremaneira, o fato de ser na obra *As Aventuras da Dialética* (1955), que o autor se dedica a desenvolver a dialética como conciliação de opostos a partir da eliminação da ontologia da identidade com o reconhecimento de que negativo e positivo coexistem no ser e nas relações entre as pessoas intermediadas pelas coisas. Assim, é na perspectiva de ir além da identidade pura dos opostos que Merleau-Ponty conduz a concepção de dialética com a denominação de "hiperdialética". Dito de outro modo, refere-se a um "transcender" a polaridade rígida e indiferente à ambiguidade da experiência.

3 Os apontamentos de Merleau-Ponty acerca de Marx e do marxismo

Nos últimos textos merleau-pontyanos, há a indicação de uma crise no marxismo e a ne-

cessidade de se esboçar uma nova filosofia da história. Lembremos dos conceitos de história e dialética desenvolvidos por ele nos dois primeiros tópicos deste artigo, e da relação deles com uma práxis.

Na sua obra *Signos* (1960), Merleau-Ponty nos apresenta Marx como um "clássico" podendo nos ensinar a pensar, mas não podendo ser mais verdadeiro no sentido que ele mesmo colocava, por estar na tensão entre a decifração teórica e a prática do real. Assim, na formulação do problema, já estaria a solução. Ele aborda a lógica da ilusão teórico-política.

No prefácio desta obra, Merleau-Ponty aponta a separação entre fato e direito como conduzindo a crítica marxista ao idealismo a partir dos seguintes questionamentos:

Mas tal marxismo será realmente o esboço de uma política? O domínio teórico que proporciona sobre a história será também um domínio prático? No marxismo de Marx os dois eram inseparáveis. [...] Percebe-se a distância entre o marxismo instrumento de análise teórica e o marxismo que definia a teoria como a consciência de uma prática (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 11-12).

Retomando *As Aventuras da Dialética* (1955), Merleau-Ponty já apontava naquele texto uma crise no entendimento, pois a história é fruto de ações e os fatos passam a ser históricos quando narrados, mas a partir de um entendimento. É o pensar como decifrador da vivência que exige racionalidade e envolve múltiplas possibilidades de interpretação. A crise no entendimento se instala quando se adota um viés interpretativo apoiado em um referencial de análise.

Em se tratando de história e política, não existem verdades únicas e é necessário que haja um constante movimento de interpretação e reinterpretção. História e política se constituem em um terreno de tensão no sentido de impossibilitar qualquer forma de síntese.

De acordo com Merleau-Ponty, ainda que o marxismo e sua filosofia da história sejam somente "segredo da existência" do proletariado, esse segredo não é conhecido pelo proletariado, uma vez que é o teórico o seu decifrador.

Sobre o marxismo, ele acrescenta:

O marxismo deveria ser uma filosofia revolucionária justamente porque se recusava a ser uma filosofia dogmática da história. Dois momentos recorrentes, mas a cada vez num nível superior, compõem seu movimento em espiral: uma leitura da história que faz aparecer seu sentido filosófico e um retorno ao presente que faz a filosofia aparecer como história (MERLEAU-PONTY, 1955, p. 38).

Questão fundamental levantada pelo autor aponta o capitalismo como definidor dos modos de vida tanto dos trabalhadores quanto dos empresários; ora, esse gerenciamento deve ser interpretado livremente. Para a história, não deve haver um modelo único e os fatos devem ser analisados de modo dialético. A sociedade capitalista insere na sua dinâmica a exploração e o trabalho assalariado. Com isso, todos participam deste mercado único.

Segundo Merleau-Ponty, o marxismo se pretende revolucionário, mas cabe à filosofia não ficar presa no dogmatismo da história. A filosofia tem por função retornar ao presente com o intuito de uma renovação e de uma atualização das elaborações concernentes ao passado com vistas à abertura para futuro.

Quanto à sociedade de classes, convém lembramos que além da história narrada e interpretada, há a historicidade de cada um sendo constituída por vivências e interesses sejam eles individuais ou coletivos. É nesse rastro que Merleau-Ponty vai organizando suas ideias no que diz respeito ao movimento da história e do sujeito. Ele concebe o encontro do sujeito com a história em uma dialética imprevisível com as traduções específicas dos acontecimentos.

É fundamental levarmos em consideração os fatos históricos e a narrativa destes fatos surgidas a partir de interpretações. A história, conforme nos mostra Merleau-Ponty, é uma aventura que não pode ser reduzida à economia com sua contaminação moral e religiosa. Há um movimento

de retorno e de abertura.

Para Merleau-Ponty, todo marxismo que não faça da consciência um fenômeno secundário, incapaz de determinar o comportamento dos indivíduos, oscila entre o indivíduo e a totalidade histórica, como se o primeiro não fosse partícipe dessa totalidade. Encontramos, entretanto, toda a amplitude da obra de Marx reconhecida na sua importância por Merleau-Ponty no sentido de tratar da questão exploratória com a minúcia e a propriedade com que ele, a partir de suas teorizações sobre o capital, pode nos deixar como grande legado.

3.1 O Manifesto do Partido Comunista e a ideologia comunista

Karl Marx e Friedrich Engels escreveram *O Manifesto do Partido Comunista*² (1848), com a intenção de exporem sua visão de mundo, seus objetivos e tendências e, por isso, comunistas de várias nacionalidades reuniram-se, em Londres, para esboçarem este *Manifesto* publicado em inglês, francês, italiano, dinamarquês, flamengo, além de alemão. Suas palavras iniciais foram as seguintes:

Um espectro ronda a Europa: o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa se uniram em uma santa campanha difamatória contra ele: o papa e o tsar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães. Qual partido de oposição não foi qualificado de comunista por seus adversários no poder? Qual partido de oposição, por sua vez, não lançou de volta a acusação de comunista, tanto a outros opositores mais progressistas quanto a seus adversários reacionários? (MARX, 1848, p. 9-10).

Este *Manifesto*, publicado em 21 de fevereiro de 1848, em Londres, tinha por principal objetivo orientar a classe operária para um ato revolucionário. Acima de qualquer outro intuito, as noções de capital e de sociedade capitalista desenvolvidas por Marx, caminham no sentido de apontar uma história das lutas de classe. No

² Este texto é uma reprodução de *O Manifesto Comunista* – 150 anos depois, publicado pela Contraponto Editora e Editora Fundação Perseu Abramo – 1998. Tradução: Victor Hugo Klagsbrunn – professor titular do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense. Escrito entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848, o Manifesto foi impresso e publicado pela primeira vez em Londres, entre fevereiro e março desse último ano. Esta tradução, feita diretamente do alemão (Marx-Engels-Werke, v. 4, Institut für Marxismus-Leninismus, Dietz-Verlag, Berlim, 1972), se baseia no texto da última edição que foi revisada por Friedrich Engels, em 1890. Ela contém pequenas alterações em relação às edições anteriores.

antagonismo de classes, têm-se, de um lado, a classe burguesa opressora e, de outro, a classe proletária oprimida. E a luta de classes surge para superar essa divisão de classes e a exploração dos trabalhadores pelos burgueses. O proletariado é tomado como a classe capaz de carregar o futuro, assumindo papel revolucionário para destruir os opressores. Vai, no entanto, buscando implantar uma consciência de classe para posteriormente formar o partido político comunista.

Assim encontramos em *O Manifesto*:

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos trabalhadores modernos, que só sobrevivem se encontram trabalho, e só encontram trabalho se este incrementa o capital. Esses trabalhadores, que são forçados a se vender diariamente, constituem uma mercadoria como outra qualquer, por isso exposta a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as turbulências do mercado (MARX, 1848, p. 11).

Vemos, assim, os burgueses se afirmando pela acumulação do capital e os proletários pela força do seu trabalho. Quando da impossibilidade de aumentar o capital, intensifica-se a exploração e, em função disso, os operários passam a ser mercadorias.

Retomando *O Manifesto*, vemos os objetivos dos comunistas sendo especificados, mas principalmente a luta contra a burguesia, pois, se necessariamente o proletariado se constitui em classe, se por meio de uma revolução se converte em classe dominante, poderá suprimir, segundo os comunistas, as velhas relações de produção, os antagonismos de classes e as classes em geral. Com isso, haverá a abolição da sua própria dominação de classe.

No final fica o apelo revolucionário:

Os comunistas não ocultam suas opiniões e objetivos. Declaram abertamente que seus fins só serão alcançados com a derrubada violenta da ordem social existente. Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder nela, além de seus grilhões. Têm um mundo a conquistar. Proletários de todos os países, uni-vos! (MARX, 1848, p. 65).

Merleau-Ponty refere que o apelo à revolução tendo como justificativa o fato de que somente

uma derrubada violenta da ordem social vigente é capaz de fazer com que os indivíduos conquistem o mundo, encobre uma incitação à violência. Ele buscou ilustrar esse encobrimento a exemplo das guerras e da bomba atômica como atingindo os dois lados envolvidos na disputa. A violência revolucionária se faz necessária quando se trata de livrar da opressão ou exploração. A violência faz parte da condição humana, mas está tanto na manutenção da ordem social quanto na libertação de uma condição social opressora.

Além disso, segundo Merleau-Ponty, "o militante não é um operário que milita, um certo passado de sofrimento que se faz ação política" (1955, p. 135). Ele complementa dizendo que ser proletário não é condição para ser militante.

Merleau-Ponty, em 1947, publicou a obra *Humanismo e Terror*, na qual contrapõe a ideia de que apenas o regime nazista seria um regime de terror. Para ele, o terror não é restrito a determinados países ou partidos políticos, pois o terror estaria diluído em quase toda a sociedade ocidental. E vai além, apontando que os defensores do discurso humanístico trazem em seu bojo estruturas de horror e violência veladas. Por isso, o ocidente pós-Segunda Guerra Mundial vive a contradição do humanismo e o terror convivendo lado a lado. As possíveis causas vão sendo delineadas por ele como oriundas da ausência de discursos e ações que sustentem um discurso humanizador para se impor diante do terror. A leitura dessa obra nos faz ver que a violência está em toda parte e não pode ser justificada.

A problemática contraditória ao situar humanismo e terror nessa tensão aponta a inevitabilidade de se colocar o fato de que a história e a política impõem a violência na mesma proporção, tolhendo a liberdade. Apostando na polarização, comunismo ante liberalismo, a violência disfarçada ante à revolucionária, sustenta a lógica e a tragédia como núcleo explicativo dos processos de Moscou. A história, assim como a política, na medida que impõe um problema determina uma resposta. As respostas podem não estar de acordo com as crenças, a moral ou a filosofia de cada indivíduo, conforme o filósofo descreve:

A história é terror e humanismo porque, apesar dos fatos, da violência, ela nos incita que devemos sempre seguir em frente, não em linha reta, sempre fácil de rastrear, mas nos levantando a cada momento em uma situação geral que muda, como um viajante que progride em uma paisagem instável e modificado por seus próprios passos, onde o que era um obstáculo pode se tornar uma passagem e onde o caminho certo pode se tornar um desvio (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 100).

Em *Signos* (1960), Merleau-Ponty revela, com Marx, um comunismo otimista que confiava na espontaneidade do escritor ou do artista com a recomendação de que fossem tão profundamente quanto possível apenas escritor e artista, sem haver conflito, mas convergência e encontro. No entanto, ele adverte:

O comunismo de hoje se comporta, pelo contrário, como se já não houvesse critérios intrínsecos em matéria de cultura, como se literatura e ciência fossem meios, dentre outros, da ação política imediata, ela mesma compreendida como simples defesa da URSS (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 295).

Merleau-Ponty acrescenta que "o comunismo passa da responsabilidade histórica para a disciplina nua, da autocrítica para a renegação, do marxismo para a superstição" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 296). Quanto aos sobreviventes de 1917, o filósofo afirma que não são os melhores representantes do humanismo marxista, pois preferiram o empirismo à análise das situações e priorizavam a organização do aparelho aos movimentos de massa. Além disso, a ênfase estava na manobra do partido e não na tomada de consciência para uma criticidade do contexto.

O autor, ainda em *Signos*, nos faz ver que para um marxista, as fantasias têm um sentido, "embora não seja o seu sentido manifesto" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 310). Ele complementa:

Um marxismo filosófico, rigoroso, coerente, admite a pluralidade das causas na história, decifra a mesma dialética em todas, integra as "concepções pessoais" em vez de excluí-las. Mas, à medida que o vai fazendo, transforma-se numa outra filosofia, muito diferente do marxismo vulgar, e na qual Marx por certo não

teria querido se reconhecer (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 310).

Há um ponto fundamental nas teorizações de Merleau-Ponty concernentes às interpretações da obra marxista que culminaram na passagem do marxismo ao comunismo. Segundo o autor, tal passagem foi concebida por homens que não sabem a história que fazem e da qual participam, por não levarem em consideração as contingências de um "psiquismo" e da dinâmica social. Com isso, não fazem a sua história verdadeira.

Ademais, "é preciso escolher entre a revolução como ação e como verdade" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 311). Ai está o verdadeiro drama marxista, mais do que entre as "superestruturas" e as "infraestruturas", ou entre os homens e as coisas.

3.2 Revolução e partido: um engajamento alienante?

Merleau-Ponty alude sobre o futuro da Revolução em *Signos* (1960); ele ainda critica Simone de Beauvoir a partir de um texto seu publicado na revista *Les Temps Modernes*³ (1955), pelo fato de ela afirmar ser a burguesia pluralista relacionando-a ao erro como múltiplo e apenas a verdade sendo uma.

A partir dessa colocação, o autor passa a abordar sobre o pluralismo do comunismo e questiona que, em sendo assim, será que o comunismo já não se reconheceria como verdade una? Ele refere ser importante pensarmos em que ponto se encontra uma revolução marxista, uma vez que "o essencial da política revolucionária está na relação entre o proletariado e o partido" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 314).

Para definir essa relação, Merleau-Ponty discorre da seguinte forma:

O proletariado é a negação e a crítica viva do capitalismo. Mas a operação histórica de revolução não pode ser a expressão simples, direta, imediata, dos pensamentos ou das vontades do proletariado. [...] O proletariado, que não tem bens, não tem interesses, quase nenhum traço positivo, está por isso mesmo preparado para um papel universal: é como que natural que ele não seja uma seita, uma facção, e que

³ "La pensée de droite aujourd'hui", I, *Les Temps Modernes*, maio de 1955.

recomeça pela base a criação da sociedade. Ele é, *em si*, revolução. Mas, de início, não sabe e não conhece os meios, nem os caminhos, nem os episódios, nem as instituições através das quais se expressará o que Marx chamava de "o segredo da sua existência" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 314).

De acordo com Merleau-Ponty, o partido transforma a revolta do proletariado em ação positiva e deve superar essa revolta em uma forma de negação da negação. Assim, ele menciona: "Haverá revolução se o partido educar o proletariado enquanto o proletariado anima o partido" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 315).

Para o autor, existem dois tipos de violência, uma que é transitória e está relacionada à revolução com vistas a uma mudança; já a outra é uma violência instituída, oficial. O importante é termos em mente o objetivo em questão, pois a violência é ponto de partida em todos os regimes.

Sendo assim, há dois princípios da ação revolucionária, a saber, "o partido tem sempre razão em última instância, e, em última análise, nunca se tem razão contra o proletariado" (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 315). Segundo Merleau-Ponty, há a dificuldade de observarmos esses dois princípios *ao mesmo tempo*, pois existem diferentes posições na produção, podendo criar uma divisão interna com tensões, alianças e reviravoltas. O que ocorre é uma história oficiosa do regime com relação à qual o partido se revela uma instância de controle exterior. A novidade destas constatações está apenas para aqueles que fazem uma ideia inteiramente teórica da democracia e da revolução.

Considerações finais

Merleau-Ponty, em *As Aventuras da Dialética* (1955), nos conduz a partir de uma "dialética sem síntese" à concepção da história como uma aventura dialética. Não há previsibilidade quanto ao destino e tampouco exatidão no que se refere aos fatos narrados. O autor propõe uma leitura dialética da história e da política, ou seja, ambas devem ser pensadas como unidades abertas e inacabadas. Não podemos falar em história sem lutas e conflitos, uma vez que a tensão na vida

política produz história.

Dessa forma, o filósofo vai costurando um caminho de imperfeição ao trazer as vivências pessoais como estando na base das narrativas históricas. Para Merleau-Ponty, antes de ser consciência de classe, o indivíduo é consciência encarnada no mundo. Além da história concebida, é fundamental levarmos em consideração a historicidade oriunda das relações e construída a partir de interesses individuais e coletivos.

O pensamento político de Merleau-Ponty apoia-se no viver em sociedade caracterizado pela passividade e pela atividade concernentes à violência podendo ser classificada de duas formas. Assim, há uma violência considerada transitória e relacionada à revolução com vistas a uma mudança; e uma outra violência instituída e oficializada. O pensar de cada indivíduo comporta a contradição e a tensão com o outro. Eis porque a política e a história exigem um modo de pensar dialético, uma vez que sempre haverá lutas e conflitos permeados por interesses individuais. Os acontecimentos da história surgem de encontros traduzidos por alguém com suas posições a partir do seu lugar na sociedade.

A análise merleau-pontyana tenta mostrar que o marxismo encerra uma "dificuldade interna" no que diz respeito à dialética entre lógica e contingência na história, pois a dialética da história poderá desviar-se em aventuras deixando sem solução as questões levantadas. É a presença da contingência na história, a denunciante da fragilidade do marxismo.

Além disso, é a tensão na política que produz a história e, por isso, não há um regime único de governo ou um sistema político que contemple e supere as tensões políticas. Marx deixou um legado com o intuito de que a história possa ser transformada e Merleau-Ponty reconhece sua importância principalmente na superação da exploração entre os humanos.

Por dialética não devemos pensar apenas a tensão entre dois pensamentos ao mesmo tempo contraditórios e inseparáveis, mas como uma relação de tensão entre formas de existir, dirigidas para outras formas com as quais man-

têm um vínculo. Não existe uma verdade única e absoluta em se tratando de história e política, já que há uma tensão permanente a ser interpretada e reinterpretada.

Cabe a ressalva para a imposição da violência ao longo da história e para a importância de tornar os sujeitos cientes da possibilidade de os regimes políticos assumirem a postura totalitarista e opressora, ameaçando os valores da liberdade, da justiça e da democracia.

O posicionamento político de Merleau-Ponty nos deixa como ensinamento a história como "aventura" apoiada na "dialética sem síntese" que nos convoca a pensar a história e a luta de classes como movimento, como contradição e devendo ser considerada uma história aberta e inacabada.

E com estes pressupostos ele fundamenta, conforme vimos ao longo do artigo, sua crítica à ideologia comunista não só pela incitação à violência como pelo mascaramento dos ideais partidários acima de qualquer outro objetivo. Os engajamentos políticos alienados e alienantes têm, em sua base, a hierarquização e o capitalismo, tão repudiados pelos comunistas de acordo com o *Manifesto*, mas a contradição reside na sua utilização para a sustentação do partido.

Referências

CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. (Coleção 10 lições).

CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. O MANIFESTO COMUNISTA E A DIALÉTICA SEM SÍNTESE DE MERLEAU-PONTY. *Trilhas Filosóficas*, [S. l.], v. 11, n. 3, 2020. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/1113.3541>. Acesso em: 27 jun. 2020.

CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. Humanismo e terror segundo Merleau-Ponty: em que medida é possível tolerar a violência? *Sæculum – Revista de História*, [S. l.], n. 19, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11414>. Acesso em: 27 jun. 2020.

DUPOND, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FALABRETTI, Ericson Sávio. Violência e história: o lebenswelt da política. *Teoliterária – Revista de Literaturas e Teologias*, v. 10, n. 21, p. 13-35, 2020. <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2020v21p13-35>.

MARX, Karl. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. *O Capital – crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013. (Livro I – O processo de produção do capital)

MENDONÇA, Cristina Diniz. Marxismo e filosofia: algumas considerações sobre os textos políticos merleau-pontyanos do pós-guerra. *Trans/Form/Ação*, [S. l.], v. 9-10, p. 21-39, 1987. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31731987000100004>.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Humanismo e Terror: sobre o problema comunista*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *As Aventuras da Dialética*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Em torno do marxismo. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos selecionados*. Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 21-45. (Os Pensadores).

MERLEAU-PONTY, Maurice. Marxismo e filosofia. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos selecionados*. Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-100. (Os Pensadores).

NEVES, José Luiz B. Merleau-Ponty e o marxismo: política e filosofia da história. *Dois Pontos*, [S. l.], v. 13, n. 1, may 2016. <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i1.43665>.

SILVA, Claudinei A. F. Merleau-Ponty e a herança hegeliana da dialética. *Veritas*, Porto Alegre, v. 59, p. 315-338, 2015. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2014.2.12248>.

Mônica Parreiras

Mestra em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil; especialista em Psicanálise: técnica e teoria pela mesma instituição; graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Doutoranda em Filosofia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil. Psicanalista membro da Associação La Cause des Bébés e da Escola de Estudos Psicanalíticos; idealizadora e fundadora do Instituto de Tratamento Psicanalítico Mon Doudou, em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Mônica Parreiras

Rua Ramiro Barcelos, 1517, sala 212

Bom Fim, 90035-006

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.